

COMUNICAÇÃO – XII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES  
UnB - BRASÍLIA - 2009

***O tempo e o vento – uma leitura da memória***

Maria Aracy Bonfim  
Departamento de Letras - UFMA

RESUMO

Análise do movimento da memória na obra *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo a partir da contraposição de tempo cronológico e delineamento de personagens e símbolos que representam e armam a trama, firmando assim uma identidade.

PALAVRAS CHAVE: *O tempo e o vento*, Erico Verissimo, memória, representação, identidade.

*O tempo e o vento* de Erico Verissimo tem uma estrutura cíclica. O último parágrafo da trilogia é precisamente igual ao primeiro, sugerindo retorno, aludindo a uma outra história por detrás da história lida, ou seja, percebe-se que Floriano Cambará, o narrador, realizou seu intento e transformou em narrativa a história de Santa Fé e do Rio Grande, a partir das vivências de seus antepassados: “*Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado (...)*” (VERISSIMO, 2004, p. 21)

Dividido em três partes: *O Continente* (1949); *O Retrato* (1951); *O arquipélago* (1961/1962), a trilogia *O tempo e o vento* abrange um período de 200 anos de história, 1745 – 1945.

Nesta análise do romance *O tempo e o vento* focarei essencialmente em duas instâncias, a saber: o autor de si, o autobiógrafo que escreveu *Solo de clarineta I e II*; e o “autor-do-autor” de *O tempo e o vento*, dividido também em dois: Floriano, autor e Sílvia, autora do diário.

Com base em quadros dispostos na tese de Theodore Young, intitulada *O Questionamento da história em O tempo e o vento de Erico Verissimo* (1993), pode-se visualizar a arquitetura que Erico engendrou para sua trilogia.

No tempo de “O Sobrado”, é noite, mas não uma noite qualquer, e sim a noite mais longa do ano, no início do inverno no sul do Brasil, nos momentos finais da Revolução Federalista (1893-1895). Ao decidir começar a ação nesta noite, e com o parágrafo, como já foi dito, idêntico ao final, imprime-se um sentimento que desloca o ponto de vista, mudando, assim, a perspectiva da narrativa.

No tempo de “Encruzilhada”, último capítulo da trilogia, “a noite se preparava para ser madrugada” (ARQ III – VERISSIMO, 1997, p. 1014), o cata-vento da torre da igreja de Santa Fé é o ponto-chave que fixa a atenção de Floriano Cambará, momentos antes de iniciar seu romance sobre o Rio Grande. É vendo o recorte do cata-vento contra o céu que pensa:

(...) nas muitas histórias que ouvira, desde menino, sobre a revolução de 93. Uma havia segundo a qual, durante o cerco do Sobrado pelos federalistas, na **noite de São João de 1895**, o Liroca tinha ficado atocaiado na torre da igreja, pronto a atirar no primeiro republicano que saísse do casarão para buscar água no poço. (ARQ III - VERISSIMO, 1997, p. 1014) (grifo meu)

O texto de *O Continente* reflete as idéias e o ponto de vista do narrador de *O arquipélago* e o personagem inicial, José Lírio, o Liroca, pensa: “Havia um atirador infernal na água-furtada” (CONT I - VERISSIMO, 1997, p. 01). Local exato onde está Floriano, quando começa a escrever: “Depois subiu para a água-furtada, acendeu a luz, fechou a porta e olhou em torno, como que já a despedir-se daquele ambiente” (ARQ III - VERISSIMO, 1997, p. 1013).

A artilharia é, neste caso, metáfora da escrita. Floriano é um pouco de todos os personagens que vão atuar; Floriano é o filtro de Erico.

A memória mune a arma do escritor. Ele começa a narração a partir de uma história ouvida na infância. A função da memória é, justamente, a de arrematar os pontos e jogar o foco noutra cena, formando o contraponto. Segundo Jacques Le Goff (2003, p. 469), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*,

individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Momentos antes de entrar na água-furtada, Floriano se dá conta do pulsar vivo do Sobrado, que advém do “tique-taque do relógio de pêndulo” e do “surdo bater da cadeira de balanço de Maria Valéria” (ARQ III - VERISSIMO, 1997, p. 1013).

Quem cuida do movimento do coração, do movimento perpétuo do relógio é a Dinda, a guardiã do relógio e do tempo, com uma vela acesa na mão, a própria alma do Sobrado. Ela que, atenta ao tempo, conhece o movimento dos ciclos, término e início das estações, num calendário onde a morte e a vida têm seus dias marcados, irrevogavelmente. Tempo de trabalhar, tempo da guerra acabar, tempo de fazer pessegada. Maria Valéria, a senhora do tempo, guardiã da existência, cuida, embala a casa, o mundo, e amar para ela é cuidar, servir. (ALMEIDA, 1996, p. 130)

Ao reconhecer tal pulsar, Floriano pensa sorrindo: “O Sobrado está vivo” (ARQ III - VERISSIMO, 1997, p. 1013). A batida surda da cadeira dialoga com o pêndulo do relógio, dando a nota, a cadência, tal como um metrônomo que guiará a memória na palavra do escritor.

O livro que Floriano Cambará imagina é precisamente o romance que Erico Verissimo escreveu. Assim, a narrativa fecha-se circularmente, voltando ao seu início. De um extremo ao outro, cerca de duas mil páginas resgatam o passado e **fazem-no refluir a memória**, abrangendo duzentos anos numa extensa reflexão sobre a identidade brasileira, isto é, o nosso mundo presente. (CHAVES, 2001, p. 104) (grifo meu)

Erico Verissimo maneia o vento e o tempo e, assim, une a história e a ficção, a morte e a vida, o passado e o futuro com o elo da memória.

De um lado, a memória que se move pela fala e pelo silêncio das mulheres do clã Terra-Cambará, tomando como símbolo primeiro a roca; por outro lado, a ressonância da memória se dá na escrita de Floriano, em *Caderno de pauta simples*, que é como um bastidor – tanto no sentido teatral, da ação, como do tecido em um bordado e que conta com o complemento fundamental da escrita íntima de Sílvia Cambará e seu diário, pois é

a partir da franqueza de Sílvia que Floriano, de fato, encontra coragem para dar início a sua empreitada.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2001, p. 187), a preservação da memória da família Terra-Cambará, ao longo dos anos do romance *O tempo e o vento* cabe particularmente a três mulheres: Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria. E complementa dizendo que:

As mulheres de Erico se aproximam daquele arquétipo do narrador analisado por Walter Benjamin e que é representado pela figura do camponês: ele é aquele que conta coisas distantes no tempo, ele que é fixo à terra, que observa a natureza e o passar das estações e que recolhe as histórias de outras épocas, que lhe chegam através das outras tantas narrativas. (Pesavento, 2001, p. 187)

**Ana Terra** entra em cena a partir do *flashback* de sua neta **Bibiana**, já velha, quando desperta com o som do vento e se dá conta do cerco ao Sobrado. Ela chama, mas ninguém ouve: “Só o silêncio do casarão, o vento nas vidraças e o tempo passando... - Bem dizia a minha avó – resmunga D. Bibiana, cerrando os olhos – Noite de vento, noite dos mortos” (CONT I - VERISSIMO, 1997, p. 72).

Em contrapartida, é Theodore Young (1993, p. 44) quem aponta em sua tese que **Pedro Missioneiro** guarda suma importância em termos de estruturação do sistema matriarcal, pois não tem família que possa “reclamar Ana Terra ou o filho do casal”. A atitude mais marcante de Pedro Missioneiro, quando sabe que será executado por ter desvirginado e fecundado Ana, à revelia de sua família e sem com ela casar, é a **entrega do punhal de prata** que carrega consigo e que é um dos objetos mais contundentes que atravessa toda a narrativa, o qual servirá de mote para Floriano, quase duzentos anos depois.

O **punhal** que fora de Pe. Alonzo, e que guarda ainda toda a simbologia de sua culpa, como se vê no episódio “A fonte”, passará por muitas mãos da descendência do clã que se inicia com Ana e Pedro Missioneiro. Segundo Regina Zilberman (2004, p. 186), “o punhal exerce a função da *madeleine*, na *Recherche*, pois aciona a memória e possibilita o trânsito e o entrelaçamento das temporalidades, sem o que a narrativa do passado não se faz possível”.

A aparição final do punhal é nas mãos de Eduardo Cambará, filho do Dr. Rodrigo, já nos momentos finais do último capítulo da trilogia, “Encruzilhada”: “Eduardo tirou o casaco deixando à mostra o punhal que, como de hábito, trazia preso à cinta. (...) rezava a tradição, estava com a família Terra-Cambará havia quase duzentos anos” (ARQ III – VERISSIMO, 1997, p. 1009).

Há outros objetos que cingem de simbologia a representação da essência de cada personagem na trilha da história. Tais objetos são peças de importância crucial na simbologia que sinaliza o passado, iluminando o curso que a história toma. São entrelaçados com as personagens.

Por exemplo, a **roca** que Ana deixa como legado para Bibiana e que será o símbolo feminino que ecoará na batida da cadeira de balanço de sua neta que, como ela própria, definirá os rumos de sua descendência, não só ao unir-se ao capitão Rodrigo, mas também, pela atuação na reconquista da terra que foi de Pedro Terra, seu pai.

**O baú de Mária Valéria** - Segundo Flávio Aguiar (1999, p. 107), “é abrindo seu baú de guardados e histórias (V. O arquipélago, p. 748) que Floriano vai buscar a inspiração para o seu romance. Portanto, eles são dois – o escritor e a vestal da memória – os genitores da obra”. A alusão de Aguiar leva ao trecho de *Caderno de pauta simples*, em que Floriano confessa que está conseguindo obter da Dinda muitas informações de que precisa para compor sua história.

**Maria Valéria**, por sua vez, é a personagem-chave no que concerne à memória, pois é a partir das informações adquiridas com ela que Floriano trama a memória em seu texto. É Maria Valéria quem aglutina todo o conhecimento do passado, os ditos, os acontecimentos, a solidão, a espera. A longa memória só pode chegar a Floriano por que ela lhe entrega o fio, a linha por sobre a qual ele transporá sua identidade, sua palavra, a memória do clã.

Fonte da memória, ela se confunde com a matéria que preserva. Confunde-se também com o próprio Floriano, enquanto duplo da ação do sobrinho-neto, a quem se mescla, constituindo, pois, a unidade que garante a narrativa da história. Graças a essa fusão, a memória vai em busca da história, e a narrativa acontece. Sem a confluência entre a

memória e seu narrador, não emerge a história, nem se faz o livro.  
(ZILBERMAN, 2004, p. 191)

Maria Valéria é a conexão do passado com o futuro. Ela aparece em todos os volumes da trilogia, em momentos diversos preservando uma linha e uma postura.

A força de Bibiana, que é já uma atualização de Ana, inclusive no nome, se transfere à Maria Valéria, que por sua vez, passará a Floriano, no duo que constitui com **Sílvia**, como ver-se-á adiante, para que ele possa garantir o registro da história da família e que é um recorte da história do Rio Grande e do Brasil.

A importância de Sílvia reside, justamente, no fato de ser uma “reedição um pouco mais atualizada” de Flora, Maria Valéria, Bibiana e Ana Terra (FONSECA, 1985, p. 98). É dela a escrita feminina da trilogia, a catalisadora, como Floriano, da memória e da descendência dos Terra-Cambará.

Os capítulos finais de *O arquipélago* revelam um conflito intenso e devastador na família Cambará. Seu patriarca, Dr. Rodrigo Cambará, está à beira da morte; seus filhos dispersos; o Brasil desmantelado com as jogadas políticas que demarcam o fim do Estado Novo; o mundo, tomando fôlego após o final da Segunda Guerra e duas bombas atômicas. É novembro de 1945.

O percurso de Floriano direciona-se no sentido de buscar e legitimar sua identidade. Nesse caminhar, ele faz um retorno a si e vai transformando em texto toda a sua angústia, numa tentativa catártica e que o faz deparar-se consigo e com seus outros “eus”.

É justamente a partir do reconhecimento e diálogo com outros “eus” que o personagem-autor legitima suas faces. Nenhuma nega a outra, mas complementam-se, formando uma sinfonia que, entretanto, permite que o som de uma única linha melódica, o solo, possa sintetizar o todo. No esquadrinhar interior de Floriano, ele quer achar suas raízes; quer decifrar o enigma que vê no espelho:

Penso num novo romance. Solução – quién sabe! – para muitos dos problemas deste desenraizado. Tentativa de compreensão das ilhas do arquipélago a que pertenço ou, antes, devia pertencer. Abertura de meus

portos espirituais ao comércio das outras ilhas. (ARQ I - VERISSIMO, 1997, p. 237)

A memória de Floriano parte de uma apreensão particular e cresce, na medida em que passa a abranger a evolução no tempo, de sua família, desde suas origens e pode ser adequada ao que diz Maurice Halbwachs, para quem “a memória aparentemente particular remete a um grupo”(HALBWACHS apud KESSEL, 2004, p. 01).

Todo um percurso no sentido de uma busca de si é demarcado no texto. A memória é a linha de força que amarra as estruturas fundantes de *O tempo e o vento*. Essa linha de força vem simbolicamente desde Ana Terra até Maria Valéria, passando por Bibiana: “(...) é sempre nas mulheres, em sua solidão e perseverança, que a narrativa amarra suas linhas de força” (CHAVES, 2001, p. 107) e vai propiciar a tessitura do texto de Floriano, duzentos anos depois, o que no tempo cronológico corresponde ao período de 1745 a 1945.

Floriano contrapõe tempos e entrega-se, numa espécie de catarse, rumo ao reconhecimento do seu mais significativo e distante passado, sua busca por sua origem.

O romance histórico não repete os traços da história oficial, mas antes, faz dela pano de fundo, numa procura por legitimar não os fatos históricos, mas a vida de seres humanos atuando nesta história. Ao planificar as duas estruturas, o narrador elabora o intercalar de tempos e se vê autorizado a iniciar sua busca.

A angústia que paralisa Floriano Cambará advém de impasses que entavam tanto sua realização pessoal, quanto artística.

O processo tem continuação no volume seguinte, quando o personagem adquirirá o caderno de pauta simples. Desde a aquisição do artefato que simboliza a sua entrada no “mundo das letras” – o caderno, vai se delineando o contorno da sua urgência, da sua necessidade de encetar de forma decisiva o processo de construção de pontes consigo mesmo e com os outros.

Floriano lembra-se de um dia assinalado de sua vida. Tinha nove anos e a professora D. Revocata Assunção lhe dissera em plena aula: “**Seu**

**Floriano, agora que o senhor sabe escrever, pode comprar um caderno de pauta simples.”** Finalmente! Aquele era um de seus grandes sonhos: escrever sobre linhas simples (...). (ARQ I - VERISSIMO, 1997, p. 46) (grifo meu)

Com a aquisição do caderno, Floriano se vê autorizado a seguir o lume da memória de Maria Valéria, simbolizada na vela acesa que sempre carrega consigo nas noites do Sobrado: “Estou certo de que a luz dessa vela me poderá alumiar alguns dos caminhos que ficaram para trás no tempo” (ARQ III – VERISSIMO, 1995, p. 747).

Maria Valéria é a fonte iluminadora do percurso que Floriano trilhará em sua busca pelo “lar perdido” e por todo um mundo que está situado num espaço que se confunde com o tempo, na memória que consegue alcançar, ao unificar-se, também num exercício de alteridade. Maria Valéria representa a fonte da memória, “que é uma fonte de imortalidade” (LE GOFF, 2003, p. 434). Ela é a única personagem que atravessa toda a trilogia.

E é da memória do clã que Floriano vai valer-se para formular o esquema narracional do romance, pois se pode ver o minucioso trabalho de “costura” de tempos num tecido único, valendo-se da escrita confessional e perscrutadora de si mesmo e do clã, no movimento já citado de busca de identidade.

Vale, ainda, lembrar que este deslocamento que o personagem elabora no espaço de seu texto assemelha-se ao movimento de Erico no sentido de despertar e elaborar a trilogia.

Há, ainda, uma escrita feminina no romance, que se mostra através de um dos gêneros da memória – o diário íntimo, de significativa importância no arremate da trama. Trata-se de Sílvia, a amiga de infância de Alicinha Cambará; futura esposa de Jango; amiga e paixão secreta de Floriano. A personagem é como o reverso de Floriano, ela é um alterego do narrador/personagem. O trecho *Do diário de Sílvia* está no último tomo da trilogia, antes do capítulo final. É com ele que se dá um fechamento que é, ao mesmo tempo, impulso.



Logo no registro inicial do diário, a primeira pessoa aludida é Maria Valéria - a Dinda - e, justamente a falar da “briga” destas outras personagens, o Vento e o Tempo, ou seja, Maria Valéria norteia tanto Floriano quanto Sílvia.

Chove sem parar faz três dias. Devagarinho, miudinho, como para azucrinar os que gostam de sol, como eu. (...). E aqui estou, tristonha, arrepiada de frio, como um passarinho molhado, empoleirado num fio de telefone. O vento hoje anda correndo e uivando como um desesperado por céus, ruas, descampados. Atrás de quem? Talvez do tempo. **Diz a Dinda que o vento e o tempo têm uma briga antiga, que vem do princípio do mundo.** (ARQ III – VERISSIMO, 1997, p. 881) (grifo meu)

No diário de Sílvia constam datas que têm correspondência com narrações de eventos em outras partes da narrativa e revelam a Floriano acontecimentos que ele não teria como saber, sem que alguém lhe desse a informação, como é o caso da amante de seu pai, a alemã Tony Weber: “Lembrava-se das muitas vezes em que, ao pé da sepultura da suicida, ele pensara em escrever sua história. Jamais lhe passara pela cabeça a idéia de que seu pai pudesse ter sido personagem daquele drama” (Ibid. p. 979). Além disso, é destemida a atitude confessional da personagem quando desnuda-se a Floriano, entrega-lhe seus diários. Nesse momento, unificam-se.

Sílvia é como uma Penélope, que se reconstrói ao escrever nos diários íntimos e que, ao entregá-los a Floriano, desfaz o nó interior que o atrapalha, em sua rota. Ela é a personagem feminina que refaz o percurso das três protagonistas anteriores: Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria. É ela quem desenovela as linhas já fiadas por estas possibilitando que Floriano teça com palavras a memória.

Simbolicamente, o diário de Sílvia é o texto “mãe” do romance de Floriano. A história do amor entre ambos se dá no mundo das palavras. Os desencontros da vida real não destroem o outro e, não menos importante, encontro.

À lucidez de Floriano soma-se a de Sílvia, concretizada, no entanto, de outra forma. Enquanto a lucidez dele manifesta-se pela coragem de criticar, renegar e enfrentar toda uma tradição social e familiar, a dela está na adesão a Deus. A ela está reservada a missão de, reeditando as mulheres, continuar o Sobrado. Mas, não se admite mais que, sendo

Sílvia uma mulher com a capacidade de reflexão que apresenta, o mesmo caráter de anulação de personalidade e de resignação se estabeleça. Por isso, ela transforma a visão de renúncia, dando a ela um sentido. E é essa nova visão que dá a certeza da lucidez de Sílvia e de que ela é a continuadora do Sobrado, ela não será passiva, mas transmitirá os mesmos valores de Floriano – mesmo que em silêncio, porque ela está mudada e essa mudança é decisiva: ninguém passa por ela impunemente.

Uma vez restabelecidas as pontes entre Floriano e as ilhas Rodrigo e Sílvia, mais um passo foi dado em direção à reaquisição de sua persona. Tendo feito as pazes com sua terra e com sua gente, falta terminar de nascer. (FONSECA, 1985, p. 106)

Então, o narrador, Floriano Cambará, toma as linhas que estão diante de si, que são de fontes memorialísticas e enceta sua caminhada. A História é paisagem e a memória, que vem do giro da roca das mulheres, cronometra a marcação do tempo, projeta sua imaginação, em busca de um sentido, que seja sua verdade. Não em busca do que painéis e estátuas representam, mas, antes, busca encontrar as linhas coloridas que bordam seu ser. Pelos olhos do personagem, Verissimo vê que há uma história a ser contada. E esta história é a história da sua palavra.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: as mulheres d'O tempo e o vento*. 1 ed. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Coleção Literatura Brasileira. Série Grandes Obras; 1)

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. 1 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

FONSECA, Suzana Job da. *Floriano Cambará* – personagem de *O tempo e o vento*. 1985. 146 f. Dissertação (Mestrado em Literatura da Língua Portuguesa) – Curso de pós-graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. On-line. Disponível em: <[http://: www.Multirio.rj.gov.br/seculo21/texto\\_link.asp](http://www.Multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp)> Acessado em agosto, 2004.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. et al. *Erico Verissimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

QUINTANA, Mário. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento - O Continente I*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento - O Continente II*. 29 ed. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento - O Retrato I*. 24 ed. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento - O Retrato II*. 23 ed. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento - O arquipélago I*. 19 ed. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento - O arquipélago II*. 16 ed. São Paulo: Globo, 1995.

\_\_\_\_\_. *O tempo e o vento - O arquipélago III*. 19 ed. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta – memórias I*. 17 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1978.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta – memórias II*. 9 ed. São Paulo: Globo, 1995.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: *Um certo capitão Rodrigo*. On-line. Disponível em <http://minerva.ufpel.edu.br/~felipezs/>. Acessado em 2001.

YOUNG, Theodore Robert. *O Questionamento da história em O tempo e o vento de Erico Verissimo*. 1993. 209 f. Tese (Doutorado em Filosofia – Romance Languages and Literatures) – Department of Romance Languages and Literatures – Harvard University, Cambridge, Massachusetts. (Xerocopiado no ALEV - registro: 09h0252-1993).